

A FUNÇÃO DA LINGUAGEM EM BAKHTIN E LACAN

*Bianca Novaes**
*Ana Maria Rudge***

RESUMO

O objetivo do presente artigo consiste em demonstrar que a leitura bakhtiniana sobre o freudismo negligencia aspectos fundamentais da elaboração teórico-clínica de Freud. Tais aspectos referem-se à importância da linguagem no funcionamento do psiquismo e foram apontados por Freud e desenvolvidos por Lacan. Por outro lado, pretende-se demonstrar também que a concepção de linguagem em Bakhtin tem pontos em comum com a concepção psicanalítica da linguagem apresentada por Freud e, especialmente, com a leitura dela empreendida por Lacan nos primeiros anos de seu ensino. Embora pertençam a diferentes áreas do saber, considera-se que o conceito lacanianiano de intersubjetividade apresenta afinidades com a noção bakhtiniana de dialogia.

Palavras-chaves: linguagem; intersubjetividade; relações dialógicas.

ABSTRACT

THE FUNCTION OF LANGUAGE IN BAKHTIN AND LACAN

The objective of this article consists in demonstrating that Bakhtin's interpretation of Freudianism neglects basic aspects of the Freudian theoretical-

* Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-Rio).

**Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle; Professora Associada da PUC-Rio; Pesquisadora do CNPq e Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

clinical enterprise. Such aspects refer to the importance of language in the functioning of the psychism, which had been recognized by Freud since the beginning and was later emphasized by Lacan. On the other hand, it also intends to demonstrate that the conception of language proposed by Bakhtin has some points in common with the psychoanalytic conception of language presented by Freud and especially with the interpretation Lacan gave to it in the first years of his teaching. Although they belong to different fields of knowledge, the Lacanian concept of intersubjectivity presents affinities with the Bakhtinian notion of dialogy.

Keywords: language; intersubjectivity; dialogic relationships.

Bakhtin, pensador da cultura européia de meados do século XX, autor de obras que versam sobre literatura, filosofia da linguagem e marxismo, viveu na antiga União Soviética em um período ao mesmo tempo muito conturbado e de grande riqueza intelectual, na Rússia, que foi berço de dezenas de artistas e pensadores brilhantes. Entretanto, devido ao obscurantismo em vigor e à censura a idéias, seu nome quase não foi mencionado na imprensa, e os textos que comentamos neste artigo foram todos publicados sob pseudônimo. Assim, sua obra somente ganhou reconhecimento no final do século XX. Atualmente, são bastante conhecidas as críticas que Bakhtin tece à psicanálise em “O freudismo”, publicado em 1927, por considerá-la como uma forma de sustentação da ideologia burguesa da época. Tais críticas são tributárias de uma interpretação superficial das teorias freudianas e não faz jus à qualidade da complexa e rica concepção de linguagem desenvolvida pelo pensador russo, que, segundo Jakobson (1988), antecipa pesquisas muito posteriores no campo da sociolinguística e da semiótica.

Enfatizando a constituição histórica e social do homem como a única forma legítima de apreender a essência humana, Bakhtin acusa a psicanálise de estar a serviço da naturalização biológica do homem, em virtude do primado concedido ao inconsciente e às pulsões sexuais. É que a interpretação bakhtiniana da obra de Freud

reduzia o inconsciente à expressão de uma individualidade isolada do contexto social, e as pulsões sexuais a manifestações da vida biológica.

Para Bakhtin, o freudismo considerava a consciência como o lugar do engano e via o homem como determinado pelas pulsões sexuais, um determinismo entendido como estritamente biológico. Com isso, a psicanálise esvaziava o sentido histórico e social dos atos humanos e se colocava ao lado da ideologia dominante, que visava encobrir os aspectos sócio-históricos a fim de manter os homens resignados a um destino natural e, portanto, imutável:

Assim, [para a psicanálise] o essencial no homem não é, de maneira nenhuma, aquilo que determina o *seu lugar e seu papel na história – a classe, a nação, a época histórica a que ele pertence*; essenciais são apenas o *seu sexo e a sua idade*; tudo o mais é mera superestrutura erigida sobre esses elementos. *A consciência do homem não é determinada pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico*, cujo aspecto fundamental é a *sexualidade*. É esse o motivo ideológico central do freudismo (Bakhtin, [1927] 2004: 6).

Esta interpretação bakhtiniana da obra de Freud é solidária ao modo como Bakhtin compreendeu o conceito de inconsciente. Para o filósofo russo, o conflito assinalado por Freud entre inconsciente e consciente se efetuava em um plano individual, reduzindo-se a um drama meramente interior. Freud seria culpado tanto de reducionismo biológico quanto de subjetivismo.

Para Bakhtin, que preconiza a análise sociológica da linguagem e da cultura, a intersubjetividade precede a subjetividade. Ele considera que os fenômenos abordados pela psicanálise através da perspectiva de uma luta entre o consciente e o inconsciente deveriam ser compreendidos como resultantes de “inter-relações e conflitos complexos entre as respostas verbalizadas e não-verbalizadas do homem” (Bakhtin, [1927] 2004: 20). Em outras palavras, tais conflitos se efetuam no campo da linguagem, através de um jogo de

forças entre o que é dito e assumido pelo sujeito e aquilo que não é dito, mas que subjaz e determina o seu discurso.

Os sonhos teriam sido interpretados por Freud de um modo estritamente individual. Onde Freud ressaltava um conflito entre a sexualidade, entendida como mera necessidade biológica, e os valores defendidos pela consciência, o filósofo considerou que essa interpretação freudiana negligenciava o caráter verbal, repleto de significados sociais, envolvido na dinâmica do sonho. Assim, conforme assinala Souza (2006), Bakhtin propõe que o inconsciente seja abordado pelo viés da linguagem, através do qual os aspectos sociais do psíquico brotam. “Bakhtin pondera que *as raízes do inconsciente descobertas na sessão psicanalítica são, com efeito, reações verbais*. Portanto, tudo que toca o essencial do conteúdo inconsciente passa, necessariamente, pelo discurso do sujeito e, assim, depende de fatores ligados à sociedade objetiva” (Souza, 2006: 61; grifos nossos).

Já na época remota em que Bakhtin escreveu o “Freudismo” (1927), uma boa leitura da teoria freudiana até então elaborada lhe permitiria concluir que a importância da função da linguagem no inconsciente, que o filósofo prescrevia, já lhe tinha sido concedida pelo próprio Freud. Não teria sido necessário, como querem alguns autores (Brandist, s.d.), que Bakhtin tivesse tomado conhecimento de trabalhos posteriores de Freud sobre fenômenos culturais para que pudesse matizar essa leitura tão parcial do freudismo. Os três livros inaugurais da Psicanálise, “Interpretação dos sonhos”, “Psicopatologia da vida cotidiana” e “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, publicados entre 1900 e 1905, foram exatamente os textos em que Lacan se apoiou mais tarde para, proclamando-se um leitor de Freud, argumentar a favor da importância da linguagem na psicanálise e enunciar sua conhecida fórmula de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Na verdade, apesar do fato de que a psicanálise, que é uma prática clínica teorizada, e a filosofia da linguagem de Bakhtin serem campos diversos, há fortes coincidências entre as concepções de linguagem propostas por Bakhtin e por Lacan. Embora as leituras

dos primeiros textos fundamentais da psicanálise empreendidas pelos dois autores sejam inteiramente divergentes, mostraremos que as proposições de Lacan e de Bakhtin sobre a linguagem confluem. Para tanto, tomaremos especialmente as formulações lacanianas iniciais, presentes no chamado “Discurso de Roma”, de 1953 (1998), marco inaugural do que Lacan considera seu ensino. Antes, porém, é necessário apresentar brevemente as principais características da concepção bakhtiniana de linguagem.

A CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM

Bakhtin elaborou uma concepção de linguagem estreitamente relacionada ao social, o que lhe permitiu ampliar o alcance da linguagem para todas as ciências humanas. Em “O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas”, uma reunião de notas escritas entre 1959 e 1961 e publicadas em 1976 (2003a), Bakhtin define o que constitui a sua preocupação essencial: o texto como objeto de toda ciência humana¹. Ora, para alçar o texto ao posto de objeto central das ciências humanas, Bakhtin confere a esse termo um caráter inteiramente peculiar. O que autor denomina como *texto* possui dois pólos: o pólo do sistema da língua e o pólo do enunciado.

O pólo do enunciado é o que lhe possibilita se servir do texto como objeto da ciência humana, uma vez que é nele que se revela a dimensão da comunicação discursiva, imersa nas relações dialógicas. O sistema da língua, o primeiro pólo, é empregado como recurso pelo enunciado. Se o texto utiliza o sistema da língua, nem por isso a ele se reduz, pois a dimensão do enunciado comporta todo um caráter extralingüístico. Enquanto o sistema da língua é reprodutível e pode ser traduzido em um sistema de signos, o enunciado é único, não é traduzível, somente é dado em certo contexto e, sobretudo, em relação a outros textos.

É justamente por estar sempre situado em relação a outros textos que o texto enquanto enunciado é sempre um acontecimento

único e singular. Se um sujeito profere uma oração idêntica a uma outra, proferida por outra pessoa ou por ele mesmo em outra ocasião, essa oração adquirirá um sentido diverso por se relacionar a um outro conjunto de enunciados. Por exemplo, se o presidente Lula proferir “O Estado sou eu”, essa oração possuirá um sentido bem diferente do que possuiu quando foi enunciada por Luís XIV no século XVIII. Assim, embora no plano do sistema da língua esse texto possua um mesmo significado lingüístico (a oração é a mesma, apenas foi traduzida em outro idioma), no plano do enunciado trata-se de textos diversos, que comportam sentidos diferentes, porque relacionados a contextos distintos.

Este caráter singular do enunciado advém das relações dialógicas que o perpassam. Todo enunciado relaciona-se a outros enunciados. Por um lado, não há enunciado primeiro, todo enunciado é um elo na cadeia de enunciados e, por outro lado, nenhum enunciado corresponde à última palavra, pois sempre poderá adquirir um outro sentido posteriormente. A inesgotabilidade do sentido é característica de todo enunciado, uma vez que o sentido do enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva permanece sempre em constante movimento, em contraposição ao significado estagnado da oração enquanto unidade do sistema da língua. A ênfase no plano do enunciado como imerso em relações dialógicas promove a dimensão social da linguagem.

Em “Gêneros do discurso”, escrito entre 1952 e 1953 e publicado em 1978 (2003b), Bakhtin, admitindo a singularidade própria dos enunciados, procura algumas características dos enunciados que lhe permitam agrupá-los em tipos, sem, contudo, negligenciar a sua singularidade. De acordo com o autor: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, aos quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2003b: 262).

A possibilidade de reunir enunciados singulares em tipos lança luz sobre alguns aspectos do plano enunciado que se configuram como fundamentais para a compreensão de sua concepção de lin-

guagem. Primeiramente, a existência de gêneros de discursos aponta para o caráter social e histórico do enunciado, pois os gêneros pertencem a determinados contextos. Em seguida, eles demarcam que a singularidade do enunciado reside não em sua individualidade, mas no fato de que ele se situa em uma realidade particular, social, histórica e cultural. Além disso, o caráter particular do enunciado ultrapassa até mesmo o plano do sistema da língua, uma vez que determina a escolha de determinadas orações e palavras.

Bakhtin considera que os gêneros pertencem a determinados campos com características próprias². Se o campo ao qual o gênero se refere for relacionado diretamente com a realidade concreta e cotidiana, o gênero será chamado de primário. Se, ao contrário, remeter-se a um campo mais abstrato, será chamado de gênero secundário. Os gêneros secundários (obras científicas e artísticas) utilizam os primários (diálogos cotidianos, cartas, réplicas, conversas informais) como matéria-prima. Os gêneros primários, por sua vez, são também influenciados pelos secundários. Tanto um romance pode servir-se de um diálogo cotidiano quanto uma conversa informal pode utilizar recursos científicos e artísticos, como, por exemplo, as incorporações dessas linguagens na fala cotidiana (Bakhtin, 2003b).

Segundo Bakhtin, os gêneros discursivos refletem todas as mudanças que ocorrem na vida social. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2003b: 267-8).

Embora os enunciados sejam únicos e singulares, a singularidade deles se dá no seio da vida social, através de gêneros de discursos que pertencem a certo contexto histórico, social ou cultural. Essa concepção de enunciado é oposta à de Saussure, que tomava a fala (*parole*) como sendo individual, em oposição à língua (*langue*), como sistema social. “O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da lin-

guagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação, e é psicofísica” (Saussure, 1994: 27).

Saussure se interessa apenas pela língua, por considerá-la o único objeto apto a constituir uma ciência da linguagem. O caráter social da língua é ressaltado. A língua existe na coletividade sob a forma de sinais que são impressos nos indivíduos “tal como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (Saussure, 1994: 27). A língua, portanto, não comporta nada de singular, representa apenas um padrão coletivo que é recebido pelos indivíduos de forma passiva, como “algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários” (Saussure, 1994: 27). Dessa forma, ao valorizar o caráter social da língua, Saussure a destitui de qualquer possibilidade de singularidade. Já à fala, que é singular e individual, Saussure não confere o caráter social. Bakhtin, ao contrário, insiste no aspecto social do enunciado, sem destituí-lo de sua singularidade. Cada contexto social do qual o enunciado brota é ele mesmo único e singular, e as relações dialógicas entre os enunciados são sempre únicas.

Ao conceber o enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva, Bakhtin frisa que ele comporta dois aspectos: a alternância dos sujeitos e a conclusibilidade (Bakhtin, 2003b). A alternância dos sujeitos é o âmago da comunicação discursiva, pois é através dela que surge o diálogo³.

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem lingüísticas (Bakhtin, 2003b: 371).

Além disso, a alternância dos sujeitos envolve, necessariamente, a inescotabilidade do sentido do enunciado, que pode ser compreendida a partir da distinção entre sentido e significado, propos-

ta pelo autor em “O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas” (Bakhtin, 2003a).

O enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva possui um sentido, a oração enquanto unidade do sistema da língua possui um significado. O sentido do enunciado será sempre inesgotável porque, por um lado, provém de enunciados anteriores, com sentidos diversos, pois não há enunciado primeiro, e, por outro, porque a interpretação do ouvinte é parte do sentido do enunciado. Não há, portanto, um sentido acabado; o sentido do enunciado está sempre em constante movimento porque está situado dialogicamente.

Entretanto, não se deve concluir que não haja um ponto de parada do sentido; em certo momento, o ouvinte atribui um determinado sentido para o enunciado ouvido. Não se trata de um “caos” do sentido, como se nem o falante soubesse o que está dizendo, nem o ouvinte entendesse o que foi proferido, mas da possibilidade de se atribuir diversos sentidos. É justamente devido a essa infinita possibilidade de criação de sentidos que Bakhtin opõe a noção de significado à noção de sentido. O significado, característico do sistema da língua, fica paralisado, estagnado – tal como é estabelecido pelo código da linguagem. Por exemplo, uma palavra pode possuir um único significado estabelecido pelo dicionário (valor denotativo), mas, em dado contexto, em uma situação peculiar, ela pode adquirir um sentido diverso do significado estabelecido (valor conotativo)⁴. A palavra “não” pode ser um exemplo, pois, dependendo da entonação dada, da situação na qual se insere, de quem fala e para quem é proferida, ela pode muito bem significar um “sim”, sobretudo ser for enunciada com uma entonação irônica.

Na interpretação do ouvinte, há um primeiro momento, que é o da compreensão do significado, tratando-se de um processo monológico. Mas tal processo não é suficiente para a compreensão do sentido do enunciado. Para isso, há um segundo movimento que envolve um processo dialógico, ou seja, o enunciado tem de ser compreendido enquanto um elo na cadeia dos enunciados. De acordo com o autor:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de texto eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato *dialogico* entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e *necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido)* (Bakhtin, 2003b: 401, grifos nossos).

Deste modo, ao conceber a alternância dos sujeitos e a inegotabilidade do sentido, sem culminar em uma interpretação aleatória do sentido, Bakhtin acrescenta uma outra característica do enunciado, envolvida na alternância dos sujeitos: a conclusibilidade⁵. De acordo com o autor, é a conclusibilidade que permite a resposta do ouvinte, necessária para a alternância dos sujeitos. Dito de outro modo, para que o ouvinte possa responder, é preciso que ele compreenda o que foi proferido pelo falante. Tal compreensão exige que se vá além da apreensão do significado, pois envolve o sentido do enunciado. Nas palavras de Bakhtin:

Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. Para isso não basta que o enunciado seja compreendido no sentido *de língua*. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* – indício da *inteireza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramática nem abstrato-semântica (Bakhtin, 2003b: 280).

Assim, a conclusibilidade é um elemento envolvido na alternância do sujeito, que possibilita a responsividade do ouvinte, constituindo uma característica essencial do enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva. “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o

grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é pre-nhe de resposta, e, nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, 2003b: 271).

Após esta exposição dos pontos principais da concepção bakh-tiniana de linguagem, passemos à contribuição de Lacan ao ressaltar a dimensão da linguagem presente na experiência psicanalítica e na metapsicologia freudiana. Embora a referência lacaniana principal em suas considerações sobre a linguagem fosse Saussure, exatamente um dos lingüistas a quem Bakhtin explicitamente se opõe, existem algumas afinidades nas concepções de linguagem de Bakhtin e Lacan.

LACAN: A DIMENSÃO DA LINGUAGEM É O CERNE DA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA

Embora a dimensão da linguagem, através de sua estreita correspondência com os mecanismos inconscientes, esteja presente ao longo da obra de Freud, coube a Lacan o mérito de ter elucidado e demonstrado essa dimensão mais clara e incisivamente.

Em 1953, Lacan se demite da Sociedade Psicanalítica de Paris e se reúne a Lagache e ao grupo que fundou a Sociedade Francesa de Psicanálise. O motivo principal de sua decisão foram as críticas de seus pares à sua prática, visto que não respeitava as regras técnicas preconizadas pela IPA. Nesse mesmo ano pronuncia o “Discurso de Roma”, publicado nos *Escritos* sob o título de “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que teve o valor de um manifesto. No texto, apresenta três críticas à psicanálise da época: à valorização do imaginário, às relações libidinais de objeto e à importância concedida à contratransferência (Lacan, [1953] 1998). O formalismo excessivo presente na valorização de técnicas analíticas codificadas pela IPA seria produto de um desconhecimento da teoria freudiana. Todas estas perspectivas errôneas derivariam do desconhecimento das dimensões fundamentais da linguagem e da fala no campo de psicanálise. “Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser

compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (Lacan, [1953] 1998: 247).

A linguagem e a fala são ressaltadas como elementos constituintes da construção teórica e clínica de Freud, em oposição a qualquer leitura biologizante da obra freudiana. As manifestações do inconsciente, os sonhos, atos-falhos e chistes, dependem do campo da linguagem. A prática da análise é entendida a partir das funções da fala e do campo intersubjetivo em que ela se desenrola. É por isso que a proposta lacaniana de valorização da linguagem em psicanálise se faz sob o signo de um “retorno a Freud”.

A demonstração de Lacan se apóia exatamente nos três textos freudianos que podemos considerar inaugurais da psicanálise, ou seja, “Interpretação dos sonhos” (1900), “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905). Assim, retornando à “Interpretação dos sonhos” (1900), Lacan faz saltar aos olhos que “o sonho tem a estrutura de uma frase” (Lacan, [1953] 1998: 268). Se, por um lado, o essencial do sonho é a manifestação de um desejo, por outro lado, o desejo só é extraído do sonho em virtude de uma interpretação que consiste em desfazer o trabalho do sonho. Este, por sua vez, é revelado como uma retórica.

Elipse e pleonasmo, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico (Lacan, [1953] 1998: 269).

Esse discurso não se dá em um plano estritamente individual; efetua-se em uma dimensão intersubjetiva, pois o desejo manifesta-

do por meio de tais mecanismos tem como objeto o reconhecimento pelo outro.

O ato falho é considerado como um “discurso bem-sucedido”. Os mecanismos desvelados por Freud na produção de todas as formações do inconsciente, como sonho, sintoma e ato falho, são também oriundos de mecanismos de linguagem, pois a própria atividade inconsciente se vale de recursos lingüísticos, já que o deslocamento e a condensação são “traduzidos” por Lacan como metonímia e a metáfora.

A estreita relação entre o inconsciente e a linguagem é enfatizada por Lacan ao abordar o sintoma. Nas palavras do autor: “o sintoma se resolve por inteiro numa análise languageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (Lacan, [1953] 1998: 270)⁶. Uma vez que o sintoma é compreendido como produto do recalque, afigurando-se como um retorno do recalçado, e dado que o recalque é entendido como a separação entre significado e significante, a “cura” do sintoma se realiza quando o significado recalçado é recuperado pelo sujeito. Contudo, é ao retomar a análise dos chistes empreendida por Freud que Lacan se mostra mais enfático ao assinalar a correspondência entre inconsciente e linguagem.

O chiste e sua relação com o inconsciente continua a ser a obra mais incontestável, porque a mais transparente, em que o efeito do inconsciente nos é demonstrado até os confins de sua fineza; e a face que ele nos revela é justamente a do espírito, da espíritosidade, na ambigüidade que lhe confere a linguagem, onde a outra face de seu poder de realeza é a “saliência” pela qual sua ordem inteira aniquila-se num instante – saliência, com efeito, em que sua atividade criadora desvela-lhe a gratuidade absoluta em que sua dominação sobre o real exprime-se no desafio do contra-senso, em que o humor, na graça maliciosa do espírito livre, simboliza uma verdade que não diz sua última palavra (Lacan, [1953] 1998: 271).

No chiste, a ambigüidade da linguagem se revela com toda a clareza. A ausência de uma univocidade do sentido demarca que a linguagem com a qual se está lidando não está remetida a um código estrito, no qual a correspondência de um significante a um significado esteja assegurada. Ainda que tal código seja pressuposto para que ecloda o contra-senso do dito, a sua graça reside na ruptura com esse código. Entretanto, isso não é suficiente para consolidar a espirituosidade do dito, pois, para isso, é necessário que se acrescente a aprovação de um terceiro. Em “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905), Freud dedica um capítulo inteiro ao aspecto social do chiste, em que aborda a necessidade da aprovação de um terceiro ouvinte para que o dito se torne chistoso. Assim, Lacan demarca que a polissemia da linguagem permite o “achado do sujeito”, apontando para sua divisão subjetiva e assinalando a função do terceiro neste processo. Na ênfase na necessidade da aprovação do terceiro está implícito o papel do ouvinte, que decide o sentido da mensagem.

Como Lacan concebe a linguagem? Até o momento, vimos que ela envolve um código que é de uma coletividade, mas pode produzir criações que escapam a ele.

Para Lacan, esse código da linguagem é constituinte do sujeito. Este nasce já implicado em uma rede de símbolos que o orientam, que irão fazer com que toda palavra por ele utilizada advenha do Outro. Os símbolos são significantes de um pacto que constitui significados, ou seja, eles demarcam o conjunto das significações atribuídas pela cultura na qual o homem irá inserir-se. Possuindo a força de uma lei, pois “a lei do homem é a lei da linguagem” (Lacan, [1953] 1998: 273), a linguagem que assim o constitui e determina pode aprisioná-lo em uma alienação. Como assinala Lacan:

Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão gerá-lo “em carne e osso”; trazem em seu nascimento, com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o

traçado de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou um renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele não está e para-além de sua própria morte [...] (Lacan, [1953] 1998: 280).

Entretanto, se esse caráter determinante da linguagem fosse irrefutável, não se produziriam chistes, por exemplo, nos quais abundam neologismos ocasionados por desvios, rupturas e brincadeiras com o código. Assim, à citação acima apresentada, Lacan logo acrescenta que a lei da linguagem nem sempre é tão avassaladora: “Servi-dão e grandeza em que se aniquilaria o vivente, se o desejo não preservasse seu papel nas interferências e nas pulsões que fazem convergir para ele os ciclos da linguagem, quando a confusão das línguas mistura-se a eles e as ordens se contrariam nas dilacerações da obra universal” (Lacan, 1953: 280).

Paradoxalmente, o desejo, também constituído na linguagem, permite uma renovação no código da linguagem, bem como um desvio ou apenas uma certa confusão em seus registros. Contudo, o desejo, que surge desordenando as predestinações da lei da linguagem, também se inscreve em sua lei, pois exige reconhecimento. Assim, Lacan complementa: “Mas, esse próprio desejo, para ser satisfeito no homem, exige ser reconhecido, pelo acordo da fala ou pela luta de prestígio, no símbolo ou no imaginário” (Lacan, [1953] 1998: 281).

Invertendo a fórmula goetheana segundo a qual “no começo era a ação”, Lacan afirma: “era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos em sua criação, mas é a ação de nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre” (Lacan, [1953] 1998: 273).

O fato de que as palavras venham sempre do Outro, ou seja, de que já estejam dadas, não redundando em um determinismo que privaria o sujeito de uma particularidade. Nessa concepção, universal e singular se cruzam, tal como na concepção bakhtiniana de enunciado⁷.

Lacan destaca que a linguagem com a qual a psicanálise se defronta distingue-se da linguagem-signo. A linguagem-signo comporta

um código fixo de sinais que atribui uma propriedade para o que é designado. Já na linguagem propriamente dita, como mostra Saussure (1994), os signos somente adquirem valor em relação a outros signos, o que torna mais complexa a noção de comunicação. Na linguagem-signo, o signo designa algo por si mesmo, enquanto na linguagem humana o signo verbal adquire significado em relação com outros signos.

Quanto à relação entre os aspectos singular e coletivo da linguagem, diz Lacan: “Vemos, pois, a antinomia imanente às relações da fala com a linguagem. À medida que a linguagem se torna mais funcional, ela se torna imprópria para a fala e, ao se nos tornar demasiadamente particular, perde sua função de linguagem” (Lacan, [1953] 1998: 300).

É possível vislumbrar, nessa antinomia, ecos da noção saussuriana de que a linguagem é subdividida em língua, sistema do código lingüístico possuindo caráter social, e fala, aspecto individual da linguagem. Entretanto, assim como Bakhtin, Lacan ressalta a dimensão da fala, sem separar o seu caráter singular do aspecto social.

A fala, para Lacan, se efetua necessariamente na intersubjetividade⁸, comportando um caráter social, de troca e, sobretudo, de reconhecimento. Toda fala é dirigida a um outro, a um ouvinte que deve responder ao enunciado, conferindo, ao mesmo tempo, reconhecimento para o falante. Segundo Lacan: “O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi, com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder” (Lacan, [1953]/1998: 301).

Essa dimensão da resposta, por ultrapassar a mera aprovação ou desaprovação do discurso e adquirir o estatuto de reconhecimento ou abolição do sujeito, é ressaltada como constituinte importante da *responsabilidade* do analista.

Assim, a função da fala na experiência psicanalítica ganha relevo com essa formulação de Lacan, pois passa a orientar a prática

clínica bem como a definir seus objetivos. Em 1953, Lacan propõe que a fala pode assumir duas formas: fala vazia e fala plena. A primeira manifesta a resistência do sujeito, enquanto a segunda representa a assunção de sua verdade. O objetivo da análise seria, assim, o de promover a fala plena: “A análise só pode ter por meta o advento de uma fala verdadeira e a realização, pelo sujeito, de sua história em sua relação com o futuro” (Lacan, [1953] 1998: 303).

Este importante texto de Lacan deve ser situado no desenrolar do seu pensamento. As categorias de fala vazia e fala plena, por exemplo, desaparecem de seu discurso. Segundo Miller (1987), esse momento da introdução da importância do simbólico e da linguagem em seu pensamento respondeu à necessidade de valorizar um sujeito dialético, um sujeito do sentido, em oposição às leituras biologizantes da teoria freudiana. Ao mesmo tempo, Lacan visava esvaziar a idéia de um inconsciente com conteúdos, assim como a realidade que era concedida ao inconsciente. Por isso a ênfase no sujeito que se realiza em sua fala, na dialética da intersubjetividade.

Embora a noção de intersubjetividade tenha se mostrado, na história do pensamento, contraditória com o estruturalismo, do qual Lacan começava a lançar mão, ela deixará marcas. É que, ao enfatizar a intersubjetividade a partir da dialética, pretendia privilegiar a dimensão de sentido, na psicanálise, dimensão que, mesmo após o abandono da dialética intersubjetiva, jamais deixou de acompanhar seu pensamento⁹. Do mesmo modo, também o caráter “social” da fala jamais será descartado, mesmo com o desaparecimento da noção de intersubjetividade. Toda fala é sempre dirigida ao Outro, de quem são tomadas as palavras primeiras, e é o ouvinte quem decide o sentido da mensagem – essas duas idéias que valorizam a dimensão dialógica do sentido far-se-ão presentes ao longo de seu ensino.

Estes aspectos da linguagem ressaltados por Lacan apresentam algumas afinidades com a concepção de linguagem em Bakhtin, pois o caráter dialógico da comunicação em muito se assemelha à noção de intersubjetividade presente na fala. Entretanto, não há dúvida de que a leitura da obra freudiana empreendida por cada um dos auto-

res é completamente diferente. Lacan, ao ressaltar a dimensão da linguagem na experiência psicanalítica, mina qualquer possibilidade de uma interpretação biologizante da obra de Freud, tal como a que sustenta as críticas de Bakhtin ao freudismo.

AFINIDADES, PARA CONCLUIR

Assinalaremos alguns aspectos em comum nas concepções de linguagem em Bakhtin e em Lacan. Para ambos a linguagem constitui o sujeito e lhe é anterior. Apesar disso, as imposições da linguagem podem ser sempre subvertidas no ato de fala do sujeito.

O caráter constitutivo da linguagem na experiência humana é demarcado por ambos os autores, ainda que de formas diversas. Para Lacan, a linguagem preexiste ao sujeito e o constitui. A função do Outro é, neste ponto, essencial, porque, dentre as diversas definições que a noção de Outro recebeu ao longo de seu ensino, uma foi a de um tesouro de significantes, que evoca a expressão de Saussure “tesouro da língua”. Mas tal função vai mais além da de um mero código, pois, como pudemos observar, esse acervo coletivo pode ser subvertido pelo ato do sujeito, movido por seu desejo e por suas forças pulsionais. Para Bakhtin, também toda palavra vem do outro:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo (Bakhtin, 2003c: 373).

A dimensão responsiva do ouvinte, por sua vez, é também assinalada pelos dois autores. A noção bakhtiniana de alternância dos sujeitos falantes implica que, assim como todo falante é também ouvinte, todo ouvinte é também falante. Com a proposta do caráter dialógico do enunciado, o que o pensador russo enfatiza é que toda

compreensão do enunciado é uma interpretação, e que “o interpretador é parte do enunciado a ser interpretado” (Bakhtin, 2003a: 329).

Lacan também concede uma função central para a responsividade do ouvinte na psicanálise, concebida como uma prática que se baseia na intersubjetividade. Em “Variantes do tratamento-padrão” (Lacan, [1955] 1998), apresenta a noção de “poder discricionário do ouvinte”, indicando que o sentido do discurso depende do ouvinte. O analista, ao se colocar como ouvinte e intérprete do discurso, potencializa esse poder discricionário ao impor a regra fundamental. Este ato do analista acrescenta à interpretação do ouvinte uma responsabilidade ética. Nas palavras de Lacan: “Por conseguinte, o analista detém toda a responsabilidade, no sentido pesado que acabamos de definir a partir de sua posição de ouvinte. Uma ambigüidade sem rodeios, por estar a seu critério como intérprete, repercute numa intimação secreta, que ele não pode afastar nem mesmo ao se calar” (Lacan, 1955: 333).

Portanto, observa-se que em ambos os autores a linguagem é concebida a partir da interação dos sujeitos, sendo os próprios enunciados constituídos nessas relações. O caráter dialógico da linguagem, ressaltado por Bakhtin, vai ao encontro não apenas da noção lacaniana de intersubjetividade da fala, que será posteriormente abandonada por Lacan, como também da idéia de que toda fala é endereçada ao Outro, e que é ouvinte quem decide o sentido da mensagem.

Apesar da influência da lingüística estrutural sobre Lacan, a sua concepção da análise como uma prática dialógica em um campo intersubjetivo o distingue de Saussure. Enquanto o objeto de interesse do lingüista era a língua, a ênfase de Lacan é na fala, e esta é situada por Lacan simultaneamente como singular e social, enquanto o lingüista a definia como individual. Assim, Lacan não incorre no que Bakhtin considerou, como vimos, o equívoco de Saussure.

Por fim, a dimensão ética é ressaltada nas concepções de linguagem de Bakhtin e de Lacan. A linguagem não apenas determina

o sujeito, mas é através dela que o homem exerce o seu poder de ação no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- . (2003a). O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. Em *Estética da criação verbal* (pp. 307-336). São Paulo: Martins Fontes.
- . (2003b). Gêneros do discurso. Em *Estética da criação verbal* (pp. 261-306). São Paulo: Martins Fontes.
- . (2003c). Apontamentos de 1970-1971. Em *Estética da criação verbal* (pp. 336-392). São Paulo: Martins Fontes.
- . (2004). *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Bezerra, P. (2004). Freud à luz de uma filosofia da linguagem. Em *O freudismo* (pp. XI-XIX). São Paulo: Perspectiva.
- Brandist, C. The Bakhtin Circle. The Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/b/bakhtin.htm>>. Acessado em novembro/2006.
- Jakobson, R. (1988). Prefácio. Em Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* (pp. 9-19). São Paulo: Hucitec.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.
- . (1955/1998). Variantes do tratamento-padrão. Em *Escritos* (pp. 325-364). Rio de Janeiro: Zahar.
- . (1963/2005). Introdução aos Nomes-do-Pai. Em *Nomes do Pai* (pp. 57-87). Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J.-A. (1987). Les réponses du réel. Em *Aspects du malaise dans la civilisation* (pp. 9-22). Paris: Navarin.
- Nicola, U. & Infante, J. (1994). *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- Saussure, F. (1994). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Souza, S. J. (2006). *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. São Paulo: Papyrus.

NOTAS

- ¹ “estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc, realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto” (Bakhtin, 2003a: 308).
- ² Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (Bakhtin, 2003b: 266).
- ³ “a alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados, é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva, que o distingue da unidade da língua” (Bakhtin, 2003b: 280).
- ⁴ A distinção entre uso denotativo e uso conotativo é freqüentemente encontrada nas Gramáticas da Língua Portuguesa (Nicola & Infante, 1994).
- ⁵ “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (Bakhtin, 2003b: 280).
- ⁶ É importante notar que Freud definiu o sintoma como uma satisfação pulsional substitutiva, e que Lacan virá posteriormente a tomar essa dimensão do gozo envolvido no sintoma mais em conta. Em 1953, é o sintoma como advento de significação que está no centro de suas elaborações, que visam justamente valorizar a linguagem na metapsicologia freudiana. Assim, o sintoma é tomado inicialmente apenas como metáfora.

- ⁷ “Essa linguagem [...] tem o caráter universal de uma língua que se fizesse ouvir em todas as outras línguas, mas que, ao mesmo tempo, por ser a linguagem que capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, é absolutamente peculiar ao sujeito” (Lacan, [1953] 1998: 294).
- ⁸ “é pela intersubjetividade do ‘nós’ que ela assume que se mede numa linguagem seu valor de fala” (Lacan, [1953] 1998: 300).
- ⁹ Dez anos após o proferimento do texto apresentado, Lacan afirma: “os primeiros passos do meu ensino encaminharam nas vias da dialética hegeliana. Era uma etapa necessária para investir contra o mundo dito da positividade” (Lacan, [1963] 2005: 62).

Recebido em 13 de março de 2007

Aceito para publicação em 04 de abril de 2007